

COLEÇÃO  
**sexo**  
**RARO**

sexo<sup>o</sup> da  
**PALAVRA**

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2017  
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo  
Projeto gráfico: Antonio K.valo  
Pesquisa: Edwilson Kennedy da Silva  
Revisão: Andressa dos Santos Xavier Silva

M261m

MALUCO, Capadócio  
O menino do Gouveia/Capadócio Maluco. - Uberlândia  
(MG): O sexo da palavra, 2017.  
50 p.; 15 cm.

ISBN: 978-85-93892-00-4

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura erótica. 3. Homoerotismo  
1. Título

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em  
vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



[www.osexodapalavra.com](http://www.osexodapalavra.com)

CAPADÓCIO MALUCO

*O menino  
do  
Gouveia*



1ª EDIÇÃO

UBERLÂNDIA - MG  
2017

sexo da  
PALAVRA  
VRA

# INTRODUÇÃO

O Sexo da Palavra é um projeto inovador na área de produção editorial que tem por objetivo criar pontes entre autores e seus livros de forma dinâmica, rápida e eficiente. Partindo dos estudos de gênero e sexualidade, mote fundamental da editora, pretendemos colocar em circulação os saberes produzidos sobre a temática.

Oriunda de um projeto de estudos literários, a editora se constrói para enfrentar a deficiência do mercado em aglutinar academia e literatura de forma acessível. Assim sendo, O Sexo da Palavra se dispõe a editar coletâneas, textos originais como contos, romances

etc, teses e dissertações, entre tantos outros tipos de trabalho ligados a gênero e sexualidade aliando qualidade e preço.

O primeiro livro editado está na coletânea “Sexo raro”, que pretende trazer para o público contemporâneo obras editadas há bastante tempo e que estão fora do mercado editorial, merecendo novos olhares e novas discussões. Desse modo procedemos à reedição de “O menino do Gouveia” para que os leitores se deleitem com essa pérola da literatura erótica brasileira do começo do século XX.

O editor.

# OS GOZOS DE BEMBÊM

Edwilson Kennedy da Silva  
Fábio Figueiredo Camargo

“O Menino do Gouveia”, conto publicado em 1914 sob pseudônimo de Capadócio Maluco como fascículo da revista *Rio Nu*, publicação pornográfica que, desde o final do século XIX, trazia em suas páginas fotografias de mulheres nuas, histórias eróticas e, principalmente, propagandas de remédios para doenças, incluindo as sexualmente transmissíveis, narra a história de Bembêm. No conto, o personagem dialoga com o narrador, homônimo ao autor sob pseudônimo, sobre a sua vontade de ter relações sexuais com seu tio. Quando ele manifestou essa vontade, foi rejeitado e expulso de casa.

Na fuga, ele sai procurando alguém capaz de realizar seu desejo de ser penetrado, e encontra, no Largo do Rocio, Gouveia, um senhor de mais idade, o qual lhe dá atenção e sacia os seus desejos, iniciando Bembém na vida sexual.

Chama-nos a atenção a estereotipia do personagem Bembém, caracterizado como um homossexual incapaz de ser ativo em uma relação sexual, tornando seu ânus o único órgão sexual passível de sentir prazer, tendo para com seu pênis um desprezo incomum. Essa caracterização demonstra como os sujeitos homoeroticamente orientados eram considerados pela sociedade brasileira de início do século XX, e sabemos o quanto isso será reverberado por muito tempo ainda. No conto, o personagem é classificado como “puto matriculado”, pois deixa-se ser penetrado e só goza desse modo, enquanto seu “penetrador” não leva nenhuma definição ou ca-

racterização mediante a sua posição. O passivo, por ser penetrado seria o submisso, é estigmatizado como monstro de seu sexo, pois seu gozo não se dá no modo de produção heteronormativizado.

Por que “O menino do Gouveia” que, inicialmente, consideramos literatura de temática homoerótica, foi publicado em fascículos ligados a uma revista voltada ao público heterossexual? Quais intenções possíveis do autor e da revista Rio Nu em tornar público este trabalho? Os personagens principais da história, Bembém e Gouveia ou Bembém e Capadócio Maluco, formam pares homossexuais. Ao que tudo indica, Bembém não é adulto, muito pelo contrário, nos faz parecer que se trata de um adolescente. Considerando o título da narrativa, percebemos que, segundo James Green e Ronald Polito (2006, p. 37), a expressão “Gouveia” era uma gíria que nomeava o homem mais velho que se relacionava se-

xualmente com homens mais jovens do que ele. Cabe lembrar a afirmação de James Green (2000) sobre a não existência de sujeitos homossexuais ativos no imaginário do século XIX, fazendo de “Gouveia” um dos tantos nomes para estes sujeitos.

Segundo Luiz Mott (2003), o termo homossexual foi inventado em 1869 por Karoly Maria Benkert e a expressão não era conhecida no Brasil, sendo utilizada a expressão “pederasta passivo” para designar os homossexuais passivos. O nome Bembém, apelido pelo qual atende o “menino do Gouveia”, protagonista do conto, é emblemático desse tipo de situação: um sujeito que se representa em sua passividade total. Na repetição de uma sílaba se dá o nome do personagem em sua carga exclusivamente feminina, pois o nome se assemelha a bombom, algo doce, angelical, puro talvez, embora o menino vá se confirmar como o oposto do que seu nome propõe. De qual-

quer modo, o nome lembra também um apelido, nome de guerra, pseudônimo, o que inscreve o texto em uma falsidade de nomeações desde o início, o pseudônimo do autor, que também é narrador, o “Gouveia”, para denominar aquilo que não recebe um nome científico ainda, fazendo com que o leitor não dê muita credibilidade aos sujeitos que falam e sobre quem se fala. Tudo parece muito corriqueiro e simples na equação apresentada pela narrativa: garoto passivo procura ativo para ter relações sexuais.

No diálogo de Bembém com Capadócio Maluco, o garoto conta-lhe todo o ocorrido em sua vida, desde a expulsão da casa de seus tios até a realização do ato sexual com o Gouveia que conhece na praça. Nessa “conversa”, o vocabulário utilizado sem nenhum pudor compõe os principais termos da “cartilha” do rapaz. Assim temos palavras de baixo calão como, “mijar”, “cu”, “peidou-se”, “caralho” e

“enrabado”, expressões que, considerando a época em que o conto foi publicado, eram totalmente avessas às normas linguísticas das belas letras, padrão que dominava a noção de literatura na *belle époque* brasileira do começo de século XX. Claro está que esse texto não pretendia ser considerado literatura de salão, utilizando o vocabulário baixo dos romances de sensação ou romances pornográficos produzidos à época, conforme nos mostra Alessandra El Far (2007) e Leonardo Mendes (2017).

Já vimos que, mesmo em se tratando de textos que deveriam lidar com as questões sexuais específicas do segmento homoerótico, essas palavras não se deviam publicar, levando-se em conta as publicações sérias, como se pretendiam *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1891, ou *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado em 1895. Se considerarmos o fato de a publicação ter

ocorrido no início do século XX, por um selo advindo de uma revista de circulação livre, nos questionaremos sobre a recepção do texto, não pelo fato de a revista ser um meio de circulação pornográfica, mas por levar em consideração que a revista *Rio Nu* era uma revista voltada ao público heterossexual. Os contos anunciados juntamente com “O Menino do Gouveia”, eram intitulados de Contos Rápidos e os títulos eram, de acordo com Warley Matias de Souza, os seguintes: “O tio empata” (n. 1), “A mulher de fogo” (n. 2), “D. Engracia” (n. 3), “Faz tudo...” (n. 4), “A Viúva Alegre” (n. 5). (SOUZA, 2010, p. 78). O pesquisador também acredita que essas histórias não pareciam direcionadas a um público que chamaríamos de gay hoje.

Alessandra El Far afirma que uma leitura mais atenta indicaria que esse tipo de texto para homens corrompia algumas convenções sociais, mantinha outras intactas ou

as revalorizava. Segundo a autora, esse quadro fica mais evidente no final do século XIX e início do século XX, pois os “romances para homens” “pareciam seguir à risca os tratados médicos e jurídicos daquela época” (EL FAR, 2007, p. 291). Ainda segundo a pesquisadora, as narrativas da segunda metade do século XIX lidavam com “fenômenos sociais e políticos como, por exemplo, o papel desempenhado pela mulher na sociedade e os abusos cometidos pela igreja católica” (EL FAR, 2007, p. 292). No entender da autora, muitas das narrativas que viriam a seguir passaram a trabalhar com “[...] questões relativas ao corpo propriamente dito e ao comportamento sexual tido como desviante.” (EL FAR, 2007, p. 292). Desse modo passariam a apresentar ao leitor as consequências das sexualidades consideradas pervertidas e anormais.

Mary Del Priore (2011) afirma que *Rio Nu* foi a publicação mais ousada e criativa, nesse ramo de

edições, da imprensa brasileira na primeira metade do século XX. Um dos fatores do sucesso da revista não era seu conteúdo em si, mas sim, o baixo custo de seus volumes, permitindo um grande número de leitores. A historiadora afirma que *Rio Nu* circulou pela sociedade brasileira de 1900 até 1916, ano no qual, por intermédio da religião e outras forças morais, sua publicação foi proibida. Em *Além do Carnaval*, James Green argumenta sobre o fato de a publicação de “O Menino do Gouveia” ter sido em uma revista, pois significaria haver público para esse tipo de literatura. De acordo com Green, este fato revela ainda mais sua importância como registro da relação sexo-mercado no início do século XX, tendo o sexo como um ótimo elemento para vender livros. Embora o autor se equivoque com o fato de o texto ter sido publicado em uma revista, já demonstramos que o texto foi vendido como um encarte sob assinaturas por parte